



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUÇO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Dezembro de 2005 • Ano LXII • N.º 1612
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Natal

O jornal chega ao vosso coração em plena festa natalícia!

É Deus que Se faz Homem para nos salvar!... A grande notícia! A maior e mais deslumbrante Boa Nova!

Faz-Se um Menino pobre, embora rodeado de toda a dignidade: — Tem Mãe e tem Pai!

Mas também Se faz um Rapaz sem família: — «O que fizeres ao mais pequenino dos meus irmãos é a Mim que fazes». Um gaiato!

Deus faz-Se gaiato: — Mistério escondido que só o descobre quem o assume.

Os rapazes, aqui no Tojal, entraram, ontem, em atropelo, no meu escritório: — Sr. Padre nós queremos pôr os rapazes a fazer de pastores, de Nossa Senhora e São José, mas também desejamos pôr o Dário a representar o Menino Jesus. Não queremos a imagem de barro.

Exultei com a imposição do Gentil e do Tiago e respondi imediatamente: — Nunca nos meus cinquenta Natais, passados nas Casas do Gaiato, bejei outra imagem que não fosse um menino vivo. Um gaiato é a forma humana, mais aproximada do Menino Jesus.

Esta é a visão exacta da fé cristã que tem arrebatado tantas vidas ao longo da história, com luminares como Francisco de Assis, António de Pádua, João Bosco, Carlos de Foucauld, Padre Américo, Teresa de Calcutá e tantos outros escondidos e ignorados.

O Menino Jesus incarnado nos meninos desamparados e nos homens e mulheres mais pobres, sempre foi a mensagem da Obra da Rua. Dar-lhes uma casa e fazer família com eles é o projecto essencial de uma Casa do Gaiato. Eles são o centro das nossas preocupações, paixões e devoções.

A exigência feita pelos gaiatos encarregados da Festa do Natal, este ano, é também ela, uma afirmação do tema do congresso de Lisboa, Cristo Vivo.

É bom saborearmos este arrebatamento dos rapazes. Por aqui podemos avaliar não só a influência catequética que a Obra tem em cada um, mas ainda a pedagogia de uma Obra de Rapazes, para Rapazes e pelos Rapazes. Pedagogia cheia de exigências, mas precedida sempre de recompensa. É a Ele que servimos.

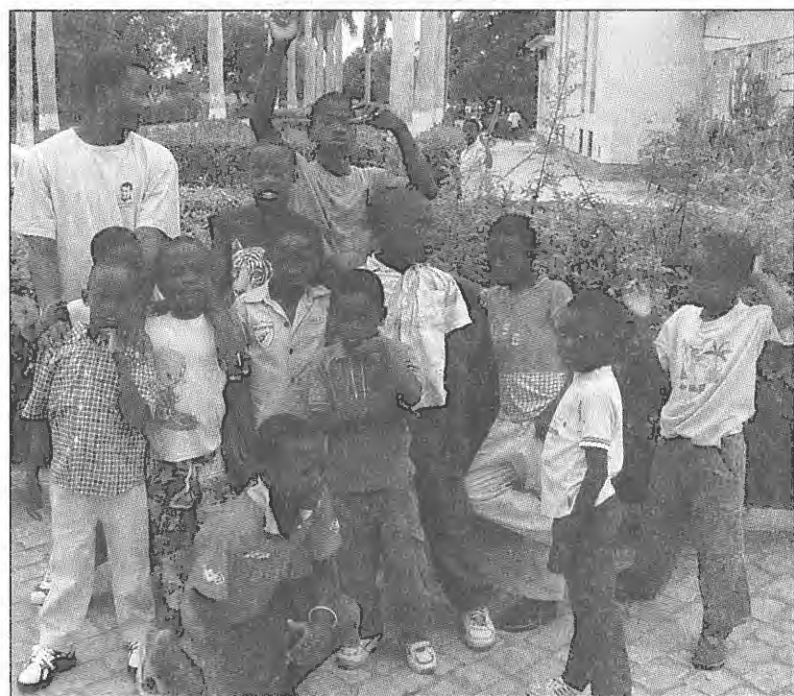
Uma teologia simples, espontânea que surge da vida e rebenta do amor concretizado.

As cartas que nos chegam, aos montões, neste tempo admirável, trazem todas a adoração sacrificada e fascinante desta imagem viva. Mensagens de muito apreço, estímulo, admiração, coragem e compromisso!

As cartas deste Natal são poemas inauditos da paixão dos portugueses de boa vontade, pela Obra do Padre Américo e a expressão real de que não precisamos de nos agarrar ao Estado para nos mantermos e expandirmos.

Obra da Rua é a Obra do povo que adora o Menino.

Padre Acílio



Eles são o maior valor que oferecemos à nação.

Benguela

Esperança do Advento

ESTAMOS no tempo do Advento. É uma palavra muito rica pelo significado que tem. Fala da vinda de Alguém que é a Esperança, em todos os tempos. Sim, o Advento é tempo de gozo e de esperança até chegarmos à plenitude. Por isso, a nossa vida toda, feita para a plenitude, é marcada, dia-a-dia, pela graça do Advento. Quem dera! O nosso caminho, sempre novo, chama-se Esperança. Não desaparece. Sempre se renova.

Assim é. Dentro de dias, será dado mais um passo na estrada de terra batida, mas cheia de dignidade, que é a promoção humana e cristã da menina que será, amanhã, a mulher de Angola. As Irmãs Albina e Rosalina vão abrir uma sala de formação humana para adolescentes e jovens, na Casa onde já existe o Centro infantil. Quão necessário é este serviço! Primeiro, foram os bebés dum mês, após o nascimento. De seguida, os bebés de 2 e 3 anos. Virão os das outras idades. Agora, nasce uma ajuda muito rica para as meninas na adolescência e princípio da juventude.

Tal como o grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, se transforma na planta maior onde se vêm abrigar as aves do céu, assim esperamos seja esta semente, agora lançada à terra. Nasce na rua ou bem perto da rua. Nasce para as meninas pobres, sujeitas à exclusão social e abandono. É, na verdade, um remédio preventivo de graves doenças sociais. A degradação da mulher, numa sociedade onde ocupa lugar de primordial importância, assume a gravidade do cancro no organismo social.

Por isso, todo o trabalho que visa o cuidado da raiz é prioritário. Quantas vezes acontece o desgaste de energias nas folhas e frutos da árvore sem que a doença seja curada. O mal está na raiz. É aí que deve fazer-se o grande investimento. Os males sociais têm a sua causa. Vamos lá. Estamos a dar conta de que os filhos da rua, em vez de diminuir, aumentam. É um mal social muito grave. Nascem durante a adolescência da menina, cada vez em maior número. Vão encher as ruas. Se não tiverem quem lhes dê a mão, a tempo e horas, não haverá penitências que cheguem. A paz social fica seriamente ameaçada. A nação será um reservatório de pesos mortos.

Com este horizonte, cheio da Esperança do Advento, damos este passo no caminho humilde dos humildes, aquecidos pelo calor humano do vosso coração. Sim, não há orçamentos. Não há garantias matemáticas de números. Não há, na verdade, outras fontes donde jorre a vida para que estas filhas tenham vida e a tenham em abundância. Sois vós. É a gratuidade do vosso interesse e carinho. Da nossa parte está o dom da vida das Irmãs. Assim, também, preparamos o Natal.

O nosso caminho chama-se Esperança. Por isso, hei-de bater à porta dalgumas empresas a pedir trabalho para o grupo de rapazes que termi-

Moçambique

Os mais pequeninos em férias

OS nossos mais pequeninos estão em férias no Bilene, vai para duas semanas e devem regressar no fim desta, para que outros possam gozar da praia, não muito limpa, é certo, mas de águas seguras.

Todos os dias temos notícias deles pela Tia Carmen, que com inextinguível desvelo os acompanha, não fosse uma avó tão carinhosa. Mas vão-lhe fazendo as suas partidas que a deixam quase doente. Eles são quarenta e seis e ao verem-se sem o espartilho do horário das aulas, ficaram tão eufóricos como perturbados quando chega a Irmã, que no fim da semana os visita e leva o necessário fornecimento da despensa. Ao vê-la, pensam que já se vêm embora. Não querem regressar já. Nem um só, com saudades de Casa.

Os que ficaram, do mesmo modo, sempre a perguntarem quando vêm os outros do Bilene. Deste jeito o assunto mais importante para eles, no tempo que corre, é o Bilene. Símbolo de tempo de descontração, de folga dos estudos, de banhos e jogos na praia.

Nós aqui, em Casa, preocupados com as chuvas que não chegam. Quem semeou após as primeiras gotas que caíram, está a ver o milho a estiolar-se e a sofrer porque a fome vai continuar a estrangular, primeiro o estômago e depois a vida de quem não tem emprego, ou alguém na família que possa dividir alguma coisa, à bela maneira africana. É um gesto, quase diria, fatalista, mas não. Não compreendem que não deva ser assim. Avô ou avó, pai e mãe, tio ou tia,

irmãos e filhos de irmãos, têm direito a receber uma parte do salário de um só que seja que na família o ganhe. É uma abnegação extraordinária, diria mesmo heróica, impossibilitando, por vezes, um jovem de pensar no casamento ou dar assistência alimentar mais adequada a seus filhos.

A realidade é trágica neste momento. Diz a Bíblia que no princípio Deus colocou o homem e a mulher no Jardim do Éden. Isto indica suficientemente que nem toda a Terra era igual para o *Habitat* humano. Certamente que havia outro lugar, donde vieram os animais que Deus fez passar perante o homem, para que lhes pusesse um nome e deles tomasse posse como dono.

Obviamente, Deus fez a Terra propícia à vida do homem que nela habitasse, para que, multiplicando-se, procurasse outros lugares onde colher alimento para a sua prole. Doutra modo, quando expulso do Paraíso não teria como sobreviver e seria a morte. Ouvi dizer, uns anos depois de aqui chegar, que os mais úberes terrenos, em toda a África, estão nas mãos de alguns apenas. Não sei concretamente o que sobra para os mais, mas são muitos aqueles que da terra tiram, hoje, um minguado sustento. E ainda mais aqueles que morrem à fome, por estarem em lugares onde a terra é estéril, como os refugiados de guerra, e já assim foi com os índios e os esquimós. Encurralados.

Chamam-lhes, os romanos, servos da gleba, porque eram escravos do proprietário do terreno, aqueles que

Continua na página 4

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

UM CANCEROSO — Foi num dia do Advento.

Chega com ar muito triste. Fala dele, da família, das dores que tem.

Já não pode trabalhar. É o cancro... As operações. O hospital.

— *Só recebo trezentos euros da Segurança Social...! E preciso duma carga de remédios...!*

— Sossegue! Vamos dar-lhe boa parte dos remédios, na farmácia.

Os olhos dele, nessa altura, brilharam...!

Há muita gente assim, a sofrer, pelo País fora. Infelizmente!

O senhor Manuel, agora, terá um Natal mais leve, com a presença do Menino Jesus, e tudo o que precisar.

PARTILHA — Quinze euros, do assinante 68261, de Aveiro, que nos «dirige Boas Festas e Bom Ano Novo».

Um bom companheiro, de uma Escola Técnica, que foi na Rua das Taipas, Porto, presente com «um remanescente de contas d'O GAIATO». Aqui vai, também, agora, um forte abraço deste amigo. Ele é o assinante 11171, do Porto.

Do Luso, um cheque de 60 euros, sendo trinta «referentes à nossa contribuição natalícia» — afirma o próprio, assinante 53241 — «a fim de que os mais pobres possam rejubilar com os festejos do nascimento do Menino Jesus». Por fim, este Amigo não esquece de nos manifestar os cumprimentos da época.

A assinante 62842, do Porto, «admirando todos os que colaboram n'O GAIATO» com a oferta de vinte euros.

Quinhentos euros, de Molelos — Tondela, do assinante 29430.

Helena, de Peniche, presente com 25 euros. «É pouco, mas de boa vontade. Poderão aliviar a conta da farmácia (que foi de 450 euros). É evidente, trata-se de uma gota de água no oceano», disse.

«Incluindo num cheque para O GAIATO, 50 euros para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa», oferta da assinante 32935, da Guarda.

Senhora da Hora, assinante 57080, com quarenta euros, «pequeno contributo para a vossa Conferência».

Porto, 150 euros, da assinante 37087.

Assinante 39150, de Santa Maria da Feira: «É com prazer que vos envio a pequena importância de 50 euros».

Agora, vem lá uma oferta, de 30 euros, «para utilizarem onde for possível». Assim disse o assinante 67854, de Alvarenga (Arouca).

Lourdes, de Cacém: «Como de costume, envio mais uns posinhos (25 euros). É pouco para tantas necessidades, mas de momento não me é possível ajudar mais. Gostaria muito, mas não posso. Continuo sempre a desejar muita saúde para todos vós».

Assinante 17749, de Oeiras: «Vai esta migalhinha para alguma necessidade, que sei serão muitas. Deus vos ajude na vossa missão generosa e muito difícil. Um abraço e desejos de Santo Natal».

Salreu: «Cheque de 60 euros para uma pequena colaboração convosco, que sempre souberam continuar a gerir».

Odivelas: «Mando uma encomenda de roupas que ainda possam agasalhar alguém que necessite. Gostava de ajudar mais. A saúde é pouca, os medicamentos caros». Assinante 31878.

Do Porto, assinante 7769, com 250 euros para «distribuírem, como entenderem, pelos Pobres da vossa Conferência».

Assinante 31254, de Fiães: «Mais uma vez estou presente, para distribuírem pela vossa Obra, aqui e em África, cem dos quais para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, aliviando, assim, a conta da farmácia», que no mês de Novembro foi de 450 euros. «Agradeço muito o anonimato. Deus vos ajude e proteja». Obrigado.

Assinante 11282, de Oliveira do Douro (Gaia). Manda 65 euros, 50 dos quais para a nossa Conferência, pedindo desculpa pelo trabalho que nos deu. Delicadeza!

Ponte de Sor: assinante 59467, dez euros, sobrantes da assinatura do nosso Jornal.

Cem euros, de um Amigo, de Vila Nova de Famalicão. E outros cem, do assinante 66545, de Braga.

Para todos os Amigos, votos de Santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

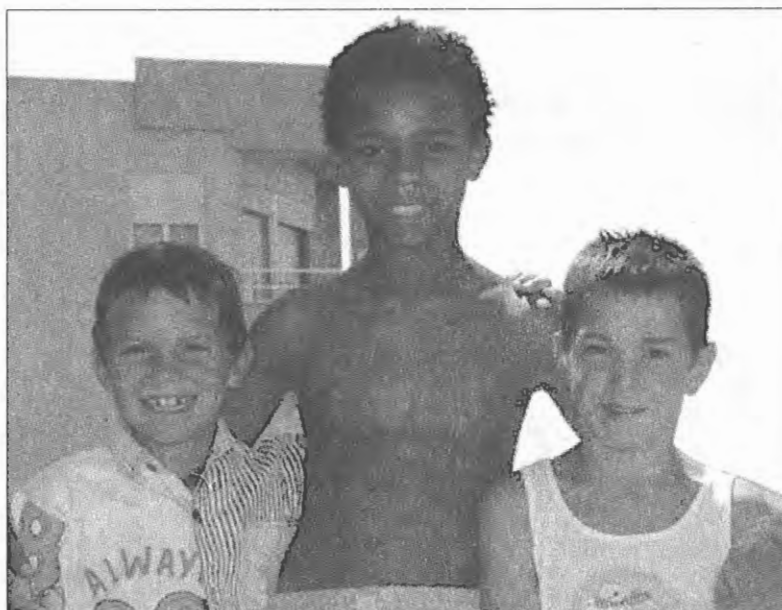
Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Os Seniores receberam a Associação Desportiva Cultural de Lodaes, que começaram o jogo com garra e determinação. Por isso, chegaram ao ponto de estar a ganhar por 0-2. Uma equipa que está habituada a jogar duro e em força, praticando, assim, futebol um pouco mais difícil para os da Casa. No entanto, os nossos Rapazes ao verem-se perante tal situação, acabaram por acordar! Começaram então a trocar a bola, e com uma conversa «meiga» e «simpática», ao intervalo, na segunda metade do desafio, deram a volta ao resultado, acabando o jogo com um empate, merecido, pelo que fizeram nos últimos 45 minutos.

Com golos de Rogério, «Russo» e André, tendo este último saltado do banco, para marcar o precioso golo do empate.

E a união continua! Uma semana depois, receberam os Juniores do Ramaldense. Um jogo disputado com correcção, apesar de um pouco viril de parte a parte, não impedindo que as duas equipas praticassem um futebol de primeira. Apesar do «adversário» nos merecer todo o respeito, era visível a entrega total por parte da equipa da casa. Quanto mais forte for o nosso opositor, mais gosto e mais alento os nossos Rapazes ganham. A força anímica aumenta, e eles esquecem-se, até onde podem ir com a força física. Vivem e praticam o Desporto com o coração a transbordar de satisfação por poderem, hoje, viverem uma vida livre, tranquila, coerente e compatível com o dia-a-dia de cada um. Eles frequentam os diversos cursos. E a verdade seja dita: com o empenho total do nosso Padre Manuel Mendes. Tanto por aqui perto, como no Porto. Eles fazem os trabalhos de casa, eles



Quem são eles? — São nossos!

tudo! Por isso, é que a obra é deles, para eles e por eles, e ainda resta tempo para de alma e coração, praticarem Desporto a cantar e a rir!

No final dos 90 minutos, o resultado fixou-se num 5-3.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

AZEITONA — A apanha já terminou e este ano tivemos uma quantidade razoável às nossas necessidades, 36 alqueires. Há quem diga que temos ouro, e na mesa é isso mesmo que se tem, é ainda melhor quando é fruto do trabalho dos nossos rapazes, principalmente dos de Miranda do Corvo.

ESCOLA — Primeiro período já está a terminar, e o Natal não traz boas notas a todos; por isso, veremos o aproveitamento que cada um teve nestes meses de estudo; veremos se as notas pagam as obras feitas no Lar de Coimbra e se chegam para realizar um projecto (só em mente) em Miranda do Corvo.

E para os que não contribuíram neste período, é favor de se esforçarem no próximo.

VISITAS — À semelhança de outras vezes recebemos um pequeno grupo de pessoas de Albergaria-a-Velha, Amigos da Casa e de um rapaz seu, especial, o Carlos, e, como sempre, uma carrinha a abarrotar de «coisas» para os rapazes e, no fim de tudo, uma merenda à volta do poço, que em outros tempos teve outra utilidade: a de corrigir erros; agora, cheio de sumos, bolos e bolachas; e para quem diz que não há guloseimas, deviam visitar os bolsos destas crianças.

É sempre com grande admiração que vemos na casa das pessoas um grande presépio. Um muito obrigado.

OFERTAS — Agradecemos a todos que se propuseram oferecer o que quer que seja, à nossa Casa. Mas destaco alguns de que tomei conhecimento.

Agradeço a uma família de Ansião que tirou um pouco do que tem e ofereceu 20 litros de azeite.

Agradeço, também, à Graça Maria, de Leiria, a sua generosa oferta e dos seus familiares, pois a mercearia faz bastante falta nos dias de hoje.

A todos, votos de um Santíssimo Natal e desejo de um Bom Ano Novo.

Adriano

Setúbal

NATAL — Já montámos o Presépio e a Árvore. Andámos a preparar a Festa de Natal, que terá música, poemas e um auto de Natal. Mais uma vez o Jumbo, de Setúbal, ofereceu um par de ténis a cada rapaz, e muitos outros amigos ofereceram brinquedos e outros produtos. A nossa Missa será, nesse dia, com início marcado para a meia-noite.

HORTA — O Fernando mais o João Correia andaram a preparar o terreno do «samoca» para a fava, que o «Largato» e o «Lota» semearam. A couve desenvolveu-se bem, e uma parte foi colhida para a consoada.

PATOS — A D. Conceição, com a ajuda de alguns rapazes, matou nove deles. Ao resto da população cortou-lhe a guia das asas. Entretanto, nasceram mais oito patitos, que estão ao pé da mãe.

ESCOLA — Já acabou o primeiro período. Esperamos que no segundo haja mais dedicação dos rapazes para que as notas melhorem e consigam passar o ano.

VISITAS — No passado dia 3, recebemos o grupo de Vicentinos da Diocese de Setúbal. Vieram fazer a Assembleia da Imaculada Conceição. De seguida celebraram a Eucaristia na nossa Capela. Por fim, ofereceram uma merenda que todos reuniu no refeitório.

António Loureiro

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há poucos dias tive de me deslocar ao Porto, já era de noite.

Quando dei por mim, estava a admirar a iluminação das ruas.

Mas, passado pouco tempo, já perguntava a mim mesmo: para que serve toda esta despesa?

Então, reparei nas pessoas que saíam e entravam nos estabelecimentos comerciais num fomesim que me

fez lembrar as formigas quando adivinham tempestade!

No caminho, tinha passado por uma ponte onde se encontrava, deitado numa cama, um sujeito de idade já bastante avançada. Em volta dele, a mobília, ou seja, os seus pertences.

Aqui não havia luz, nem luzes a brilhar.

Segundo parece, este ser humano despreza todas as tentativas para o albergar.

Será que a nossa sociedade é assim tão má, ao ponto dele rejeitar assim a nossa ajuda? Talvez nós não sejamos dignos da sua amizade. Ele prefere ficar só...

Mesmo com chuva, frio e tempestade, ele não aceita quem o quer ajudar.

Pensando bem, talvez ele tenha razão.

Luzes para quê, se as nossas almas continuam às escuras e os nossos corações incapazes de se abrirem aos nossos irmãos mais necessitados.

Estamos num tempo que nos diz que, um dia, virá Aquele que trará à Humanidade uma vida nova.

Mas, para que isso aconteça é preciso que nós lhe abramos os nossos corações. Mas como é possível isso, se não somos capazes de abrigar nele o nosso irmão que geme à nossa volta, por falta de Caridade? Deus é Amor. Se nós dizemos que acreditamos n'Ele, onde está esse Amor?

Amor que nos aproxima dos nossos irmãos mais carenciados, não só no amor fraterno, como na ajuda material.

Somos constantemente alertados para factos pontuais de ajuda. Mas essa ajuda cinge-se só a esse momento. Depois, viramos as costas. Esquecemo-nos que, passado pouco tempo, a ajuda dada termina, quando viramos as costas àquele irmão ao qual fomos momentaneamente socorrer.

Só amando os homens se aprende a amar a Deus. Não basta dizer que cumprimos a nossa obrigação, se essa obrigação não é acompanhada do amor ao próximo.

Sabemos que o Senhor já veio e continua no nosso meio, mas nós continuamos às escuras. Então, acendemos as luzes artificiais, mas não são essas as luzes que nos mostram o rosto do Senhor.

Sempre que vemos, à nossa frente, um irmão nosso, necessitado, estamos a ver o próprio rosto ensanguentado do nosso Salvador. Sempre que voltamos as costas a um destes nossos irmãos, é a Ele que estamos a desprezar.

Mas há quem ainda esteja à espera da Sua vinda. Por isso, acorrem às luzes que brilham, mas não iluminam as almas.

O que é preciso é fazer o bem. Não na medida do que dizemos ou fazemos, mas à medida do que somos.

Busquemos, pois, a Luz Divina, que ilumina os nossos corações e nos faz enxergar mais longe, sem o piscar-piscar das cores. A Luz Divina é só de uma cor, que é o amor ao próximo. O resto é só escuridão. É o próprio Cristo que diz: «Deus despreza tudo o que não sou».

Por mais que nós queiramos ficar ricos ou importantes, nunca chegaremos aos calcanhares d'Aquele que nasceu e morreu pobre.

Daf o ser tão importante aproximarmos-nos o mais possível dos nossos irmãos mais pobres.

Dos amigos que visitamos, a nossa velhinha, agora, já nem os netos tem com ela. Talvez porque já não tenha mais dinheiro para eles roubar.



Uma carta

SE não fosse o final desta carta não a publicaria. Mas o final empurra-me. A carta é, também, um empurrão de alguém que eu não conheço, mas parece ter medo de ser empurrado pelo Espírito de Deus.

O medo, hoje, domina. Emperra. Como se Deus fosse limitado em alguma capacidade.

Como me dói o final da vida de alguns Padres da Rua, sem forças físicas e sem o aconchego inqualificável de ver um continuador com coragem de agarrar a sua cruz. É o Padre Baptista. É o Padre Telmo.

Estamos expectantes e medrosos! Como se Deus não fosse o maior encanto e a Obra da Rua o melhor caminho para O encontrar.

Amigo, deixe-se empurrar e empurre outros que dormem na consciência de um mundo enganador e aparentemente vitorioso.

Padre Acilio

«A todos os Padres da Obra da Rua: Que estas minhas palavras vos encontrem na Paz do nosso Deus.

Perante a grandeza das vossas vidas e a pequenez da minha, não me considero digno de abrir a minha boca para falar da Obra de Deus que cada um de vós é neste mundo.

Mas, algo me impulsionou, neste Advento, a fazer-vos chegar às mãos este texto que escrevi, não sei bem porque, depois de uma passagem pelo Calvário, em Beire.

As minhas palavras nada mais querem ser do que uma Oração, ao

nosso Deus Pai, para que continue a derramar sobre todos vós as Suas Bênçãos.

Obrigado a todos os Padres, pelo que sois e fazeis. Para todos, um Natal vivido como sinal de esperança e confiança.

Paraíso

Naquela manhã, assaltou-me, novamente, a vontade de regressar a Beire, à Capela do Calvário.

O Calvário é um dos sonhos de Pai Américo que se tornou realidade quase ao mesmo tempo que este Nascimento para o Céu.

Sem muito pensar, deixei a cidade e para lá me dirigi. Estava uma manhã fria, mas de sol aberto, o que me permitia sentir o dia a acolher-me, ternamente, através da natureza. Desta vez, ao chegar, decidi deixar o carro do lado de fora da Quinta e caminhar através do que nela existe.

Mal passei o portão, sempre aberto, fui 'recebido' pelo majestoso e firme Cruzeiro, em pedra, anunciando que, ali, o mistério da morte e Ressurreição desvenda-se na alegria da vida daqueles que levam e ajudam a levar (não a arrastar) a Cruz. Mais uns passos e, logo, os meus olhos tocaram no Espigueiro, belamente transformado em Casa do Pai. No passado acolheu e amadureceu alimento para o corpo e, agora, disponibiliza o alimento 'maduro' para o Espírito daqueles que o queiram receber.

Como a Capela, onde queria permanecer algum tempo, fica na parte mais baixa da Quinta, o meu caminhar conduziu-me até lá sob a copa das árvores, frondosas. Os

pássaros, nelas empoleirados, tri-navam sem se cansarem, saboreando, também, o seu despertar no dia.

No caminho, ainda no meio das várias casas, harmoniosamente enquadradas na envolvente natural da Quinta, a minha atenção voltou-se para a varanda da Casa Grande onde repousam alguns que são a razão de ser do Calvário. Porém, de imediato, fui atraído pelo ruído de folhas secas que, caídas no chão, anunciavam o Outono que já se aproxima. Alguém, com capacidades para não permanecer na varanda, com uma vassoura de giestas na mão, amontoava as folhas de forma empenhada, deixando o solo e a erva rasteira à vista.

Ao passar cumprimentei. Ao meu bom-dia, cordialmente correspondido, seguiu-se a pergunta: — É de cá?

Respondi que não, o que, de imediato, fez surgir nova pergunta: — Vai ficar cá?

Aquela segunda pergunta afundou-se no mais íntimo do que existe em mim. E lá permanece! Depois de mais algumas palavras partilhadas, prossegui o meu caminho descendo a avenida das tílias altas e esguias. Algumas caíram com a força momentânea da natureza, numa tormenta que por aqui passou. Nada que impedisse, quem cuida deste lugar, de plantar novos rebentos de árvores. Já despontam com vigor. A policromia das folhas das árvores da Quinta é um arco-íris permanente. Aqui, bem podemos afirmar que ele representa a Velha Aliança, fiel até aos dias de hoje.

A meio da longa avenida, coberta pela ramada larga, ainda por vindimar, cruzei-me com duas senhoras que empurravam um carrinho, que me pareceu transportar lençóis lavados. Os seus bons-dias foram-me transmitidos misturados com sorrisos que transpareciam uma grande felicidade. Li-os como um

sinal de uma realização plena no trabalho que desempenham. Afinal, são gente rejeitada por todos que, depois de acolhida no Calvário, passou a ter o que a vida lhe negou.

Apossou-se de mim, naqueles poucos minutos passados, uma serenidade que no dia-a-dia é difícil de encontrar.

Ao fundo, à esquerda, a Capela. Aproximei-me. Rodei a argola de ferro da porta, entreabri-a um pouco, entrei e voltei a fechá-la.

Os raios de sol penetravam, suavemente, através de um pequeno vitral que existe por cima da porta. Naquela instante iluminavam um arranjo de hidrângeas sobre uma saliência na parede, à direita do Altar.

Os meus olhos e o meu sentir tiveram que esperar uns momentos para se apropriarem de toda a realidade do lugar onde estava. Só depois me dirigi até junto do degrau que separa o simples e extraordinariamente belo Presbitério do espaço da Assembleia, que ali se reúne para louvar Deus. Ajoelhei-me, ligeiramente, à esquerda do Altar. Preservei o silêncio.

O granito é a rocha firme que tudo sustenta naquele lugar. Do Altar, já o sabemos pelas palavras de Padre Américo, que só poderia ser mesmo mesa firme e construída em rocha, pois, caso contrário, já teria 'ardido' com tudo o que sobre ele os da Obra depositam. Mesmo à minha frente, o Sacrário, também ele em granito.

Uma lamparina de azeite dá sinal da presença da reserva Eucarística, ali, pronta a acolher-nos e a ser acolhida. Silêncio. Um longo silêncio. Um silêncio a pedir 'ouve o que EU tenho para te dizer...'. Os meus pensamentos e aquele lugar ofereciam-me o que procurava, desde que, de manhã cedo, senti vontade de ali me dirigir.

Passado algum tempo, àquele silêncio dialogante, juntou-se um aumento de luminosidade, pois, alguém acabava de entrar na Capela.

Quem entrou, ajoelhou, rezou e, depois de cruzar o seu olhar com o meu, com uma naturalidade zeladora, veio acrescentar azeite na lamparina anunciadora. Aquela luzinha, pequenina, fortaleceu-se o suficiente, parecendo dizer: 'Olha que EU estou mesmo aqui'. 'Estarei no meio de vós até ao fim dos tempos...'. Aquela mulher, depois de 'dar mais voz' ao Pai, voltou a rezar e saiu para continuar a sua missão na Quinta. O silêncio permaneceu. Os meus pensamentos, que também saborearam aquele encontro discreto, continuaram. Permaneci ali o tempo que a minha alma me ditou e regresssei ao mundo. Quando me levantei e genuflecti dizendo-Lhe — 'até já' (Oh meu Deus, como é importante para mim dizer — 'até já'!), os raios de sol já iluminavam o Lecionário sobre o ambão rodado para que todos o vejam e não esqueçam a Palavra.

Sai, e o piar dos pássaros, que ouvira suavemente dentro da Capela, era, agora, um Glória a Deus nas Alturas cantado com fervor. Retomando o percurso de volta, novo encontro não pensado e muito menos planeado, aconteceu. Padre Baptista, o Homem que é mão de Deus neste Calvário, estava a olhar a Quinta, no extremo da latada. Abraçámo-nos. Dialogámos. Convidou-me a seguir consigo.

Estar próximo e ouvir a voz do Homem que construiu, cuidou e cuida daquele Canto do Cisne de Padre Américo, que acolhe, cuida e acarinha como seus os que ninguém quer, dando-lhes o que mais falta lhes faz — a Paz para toda a vida — foi para mim uma Bênção Divina.

Já novamente próximo da Casa Grande, a da varanda, que é Grande, pois nela acolhe os Grandes, atrevi-me a pedir-lhe que me permitisse conhecer o Diamantino, de que falamos e de que ele nos falou no Famoso (3 de Setembro), sob o título Ironia. Ao meu pedido, simplesmente disse: — Vamos! Subimos a rampa de acesso à Casa, 'abraçada' por uma grande árvore conhecedora dos Calvários de todos os que sob ela passam, e também de todos os milagres que, ali, momento a momento, vão acontecendo.

O Diamantino estava sentado com um Amigo 'igual' a ele a seu lado. Estava calmo, sereno. Agare-lhe a mão, pois um dia alguém me mostrou quanto carinho pode ser transmitido numa mão acariciada. As perguntas que lhe dirigíamos, o Diamantino nada respondia. Só o seu nome bulbuciava com alguma dificuldade. Padre Baptista perguntou-lhe: — Quem sou eu? Qual o meu nome?

Novamente respostas imperceptíveis. Eu disse-lhe: — O Padre Baptista é um Amigo, não é?

E o Diamantino esboçou um sorriso. Um esboço de sorriso de significado intenso, de agradecimento profundo àquele que o recebeu, quando todos o rejeitaram, lavando as suas mãos. Todo o tempo tive as mãos do Diamantino nas minhas.

— Sabe, sempre que tenho de sair do Calvário por algum tempo, anseio pelo regresso. Ao passar no portão, entro no Paraíso.

Os senhores inspectores nunca saberão o que é o Paraíso.

'Sociedade mentirosa esta que me rodeia. Como é repousante ouvir os melros e os pintassilgos, felizes, entoando melodias nos recantos da nossa Quinta'.

Despedi-me do Guardião do Paraíso pedindo-lhe que continue a escrever-nos n'O GAIATO, pois precisamos das suas mensagens para a nossa Alma, como de pão para o nosso corpo.

No Paraíso foi-me lançada uma pergunta: — Vai ficar cá?

Porque não tenho coragem de ficar lá?

Que o Espírito Santo me empurre!

Assinante 32067».

Há dias, fui dar com ela no quarto que pertencia ao senhor que era ceguiño. Perguntei por ele. Já o Senhor o tinha levado. Acabaram-se os trabalhos da nossa amiga, que se preocupava em trazer a sopita para lhe dar à noite. Também acabaram os motivos de discórdia com a filha, por causa do dinheiro que a Segurança Social lhes dava para olharem pelo senhor.

Quando tomamos conta desta família, ainda ela tinha o marido vivo, mas já entevado, vivemos momentos de aflição com a doença dele. Até que o Senhor Deus o levou. Já nessa altura nos preocupávamos com o futuro das crianças, principalmente das raparigas. Mas, afinal, foram elas que se salvaram e estão bem. A mais velha, conseguiu tirar um Curso Superior e está em casa numa madrinha que, entretanto, a acolheu. A neta mais nova casou e está bem. Os rapazes, embora tivéssemos feito de tudo para os salvar, foram os que acabaram por se perder.

A outra nossa amiga, viúva, que visitamos e que tem o filho deficiente, está bem. Tinha três filhos, quando a conhecemos, e o falecido marido era alcoólico.

A ele, o Senhor chamou-o. Os filhos, um rapaz e uma rapariga, casaram e estão bem, graças a Deus. Ela ainda ficou com o mais novo, que é deficiente e é quem agora lhe faz companhia.

Vive com a pensão do Fundo de Desemprego. O filho, doente, frequenta uma escola-oficina onde vai aprendendo qualquer coisa. Nós vamos ajudando naquilo que podemos, o que não é muito, pois também os nossos meios são fracos.

Desprezemos, pois, as luzes artificiais e abramos o nosso coração à Luz Divina de Cristo, que se reflecte no

rostro dos nossos irmãos mais necessitados.

Que Deus nos dê, a todos, um Santo e Feliz Natal na companhia de todos os nossos amigos e familiares.

Que Pai Américo interceda junto do Pai do Céu pela nossa Conferência, que atravessa momentos difíceis, e por todos os nossos benfeitores.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Associação da Comunidade
«O Gaiato» de Setúbal

Há já bastante tempo que não vos escrevia. Estarão os nossos Leitores mais antigos lembrados de umas crónicas com o título *Filhos de Pai Incógnito*, que durante alguns anos satisfiz a nossa leitura? É coisa que já não existe, mas quero lembrar que, quem as escreveu era, na realidade, filho ilegítimo. Era-o em relação ao pai biológico. Quando chegou à Casa do Gaiato passou a ter um Pai; foi levado pela mão de Pai Américo que lhe deu um lar, que lhe deu amor e carinho, disciplina e doutrina cristã. Tudo isto fez dele um homem. Passou a dizer a toda a gente que o seu verdadeiro Pai era Pai Américo. Ele próprio soube transmitir esses ensinamentos às gerações seguintes. Qualquer gaiato se orgulha desse amor, desse carinho e dessa disciplina que os Pais e Mães das nossas Casas do Gaiato nos têm dado. Pai

Américo foi o instrumento e a mão de Deus para a construção destas Casas. Abdicou de todos os seus bens materiais para nos dar um lar condigno: «... sem dinheiro... sem prestígio... sem influência... comprei uma casa para eles...», dizia-o muitas vezes.

Como tendes lido, ao longo deste ano, nós, antigos gaiatos de Setúbal — Associação da Comunidade O Gaiato de Setúbal — presenteámos esta Cidade, aquando do cinquentenário da nossa Casa, com um busto de Pai Américo, inaugurado no passado dia 3 de Julho; é já um *ex-libris* daquela zona da cidade. Sabeis que o custo desta obra foi avultado para as nossas posses, por isso, temos contado e esperamos continuar a contar com os vossos donativos, os quais muito agradecemos (Rua Morgado de Setúbal, 91, 2910-672 Setúbal). Ainda nos falta tanto! Por isso, temos estado a elaborar um projecto que visa, além de podermos arranjar mais algum dinheiro para o busto, levarmos a toda a gente um pouco de Pai Américo; será um CD que terá o nome de *Cântico a Pai Américo*. Esta obra está a ser elaborada por pessoas que, com a graça de Deus, nos têm ajudado sem que seja preciso dar algo em troca. Este CD conta com algumas grandes vozes bem conhecidas desta nossa Cidade que, graciosamente, se juntaram para cantar Pai Américo a todos, de uma forma diferente do habitual. Um muitíssimo obrigado para eles.

Este disco irá ser apresentado no dia 18 de Dezembro, no Auditório do Centro Paroquial de Nossa Senhora da Anunciada, em Setúbal, que coincidirá com a festa de Natal da nossa Associação. Contamos com a presença e a alegria de todos vós nesse dia

Américo Pinto

PENSAMENTO

É dentro de si que cada um há-de ver, compreender e saborear a Caridade, que outra coisa não é senão o amor de Deus para conosco. Nós somos sinais luminosos; o facho da Caridade incendeia-nos. Eu vi labaredas naquela hora! Ora aqui está. Podemos falar tão alto da verdadeira Caridade, que não me atrevo a dizer nada das suas caricaturas, da caridade dos salões — rabos de papel!

PAI AMÉRICO

Tribuna de Coimbra

Estamos no Natal

PAREI à beira de uma grande superfície comercial. Os carros apinhavam-se no parque de estacionamento. À porta, as pessoas comprim-se, aconchegando os sacos, não fossem as prendas amachucar-se. Estamos no Natal, não há dúvida! É um tempo único em que as pessoas compram mais qualquer coisa. Partilha, será o motivo? Queremos pensar o melhor possível acerca do que vai em cada saco... As crianças estão no centro das atenções e das prendas, principalmente elas. Jesus fez-se criança. É bom pensar nisso para afastar de nós tanta vaidade inútil, tanta arrogância e sobrançeria que está dentro e fora de nós. Queremos pensar nelas, nas crianças. Cada uma é, sem dúvida, «Deus-Menino», frágil, carente. Pensamos em todas as crianças do mundo e logo, instintivamente, naquelas que mais sofrem e que as estatísticas não param de nos confrontar em núme-

ros e situações que nos envergonham. Pensamos nas que nascem e logo são acolhidas em «berço de ouro» porque foram desejadas desde o primeiro momento da sua concepção. Frutos queridos de planeamento familiar, tendo em conta o equilíbrio psicológico, afectivo e financeiro: pais amadurecidos e experimentados, como Maria e José, carinhosos, afectuosos e generosos; com emprego estável, habitação modesta mas confortável, um lugar para o presépio vivo: o amor operante. Pensamos em outras, e são milhões, dizem também as estatísticas, que não chegam a nascer. Que será delas e do seu Natal? Que Natal será o de seus pais sempre roídos por uma culpabilidade de difícil e aturada terapia? Só do Céu! Rezamos, porque o Natal também é experiência de perdão.

Mais sacos, mais prendas, mais caixas lindas! Envolvidas por laços vermelhos; sonho e magia! É o Natal! Irá algum rumo à Casa do Gaiato? — pensamento um bocadinho cobiçoso e ciumento... Não! É que a esta hora já começaram a chegar: telefonemas, cartões e muitos presentes anunciando a festa que vai no coração: «é p'ros meninos e Rapazes dessa Obra maravilhosa...» Não há dúvida, do Natal havemos de pensar sempre o melhor que ele é: o Amor de Jesus.

Padre João

Setúbal

Lar de estudantes

O nosso actual Lar de estudantes, construído dez anos depois da fundação desta Casa do Gaiato, tem neste momento pouco mais que uma dúzia de rapazes. Estudam eles entre o 7.º e o 12.º ano.

Nos dias em que há aulas nas escolas que frequentam, o Lar é a sua casa.

Todos os dias passo pelo Lar de estudantes, às vezes mais que uma vez, também porque junto ao Lar funcionam as nossas oficinas — serralharia, carpintaria e tipografia.

No Lar, os rapazes preparam-se para a vida, fundamentalmente através do estudo; nas oficinas, através da aprendizagem de uma profissão, do conhecimento do trabalho oficial em geral, tendo em tudo, como base, a aquisição de hábitos de trabalho. Pela rotina, que pode ser enfadonha para muitos, abtem-se uma preciosa ajuda para quem tem dificuldade em estabilizar as suas emoções.

Voltando ao nosso Lar, embora esta não seja a Casa principal dos rapazes, precisa também de desempenhar bem a sua missão, pois é o segundo lar deles.

Chegados aqui, eis-nos no centro do nosso interesse. Nós temos

todas as condições para que o Lar seja um lar para os rapazes, à excepção de uma que, e cada rapaz há-de senti-la como tal no íntimo, é uma necessidade que só o coração pode manifestar com franqueza: uma Mãe.

Os rapazes organizam-se com as roupas; com os comerem; com o estudo e as horas para tudo... mas uma Mãe, eles não são capazes de substituir.

Estamos na Véspera do Natal. O Menino Jesus, o Filho de Deus, também precisou de uma Mãe. E Ela não lhe faltou. Nesse tempo, quantas mulheres hebreias desejaram ser a mãe do Messias e Senhor?!...

Se fosse hoje o dia em que o Senhor escolheria a Sua mãe, haveria muitas mulheres com o mesmo desejo? Estou em crer que sim. Então, porque não surgem hoje mulheres disponíveis para O servir nos Seus irmãos mais pequeninos, com os quais Ele se identificou? Pois como Ele nos diz, «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática»!

Em silêncio e na expectativa, aguardamos a tua resposta.

Padre Júlio

Autoridade

THELEMÓVEIS — eis um assunto principal em reunião de pais convocada pela Direcção de Turma em Escola que alguns dos nossos rapazes frequentam. Entre as forças desestabilizadoras que desde há vários anos vêm crescendo e tornando insuportável e esterilizante o ambiente das salas de aula, sobretudo nos níveis básico e secundário do nosso sistema escolar, destaca-se, mais recentemente, o telemóvel, por si mesmo e pelo papel catalizador de dificuldades à concentração dos alunos, já de si tão frágil naquelas idades. É pena que um instrumento tão prestável tenha provocado uma epidemia que não se vê combatida por nenhuma Autoridade desde a Família até aos altos pelouros da *Coisa Pública*. O que seria um excelente meio de comunicação em circunstâncias bem determinadas, tornou-se em mais uma forma de dependência que, se não nos aparece no imediato nociva como a droga ou o álcool ou o tabaco, o tempo se encarregará de mostrar os seus *efeitos secundários* — sim, como os fármacos que fazem bem e mal e são perigosos quando usados além da quantificação pré-estabelecida. Ele, os efeitos já denunciados dos campos electromagnéticos que apertam o cerco cada vez mais a cada indivíduo; ele, uma mão desnecessariamente ocupada e obsessivamente movida a digitalizar; ele a atenção presa a mensagens, a «toques», a sinais convencionados... — tudo isto sob o signo da comunicação que é um acto muito respeitável quando há o quê a comunicar; mas que na verdade é uma válvula aberta por onde o homem se esvazia cada vez mais e tão vazio de valores já ele anda!

O ridículo acompanha frequentemente esta comunicação sem privacidade; e está presente na estatística que nos dá como primeiros na utilização dela entre os europeus, primeiros a contar do fim como em tantas outras áreas, infelizmente. Somos presa fácil da exploração dos produtores desta forma de comunicação, sinal de debilidade e factor de dependência. Em Malanje, há pouco mais de um ano, assisti à entrada em força dos telemóveis. Cartazes provocadores. Quatro lojas, uma das quais bem bonita em qualquer parte do mundo mas não ali ao lado de ruínas, das ruas esburacadas de uma cidade que foi encantadora e no meio de um povo a quem falta o pão, os remédios, livros e material escolar... mas tem a oferta escancarada de telemóveis, ora então! Lá como cá, a epide-

mia alastra à custa da ingenuidade do povo e sem ninguém que a trave!

Também nós experimentamos o fenómeno em nossas Casas. Consentidos, contam-se pelos dedos. Mas depois vêm os padrinhos e as madrinhas e os simpatizantes com uma oferta de agrado certo e o aparelho até nem é caro (mas depois, quem o sustenta?) — e aí temos o mundo da clandestinidade que é sempre malsão. E para quê?, para satisfazer qual necessidade?!

Ora eu não tenho nada contra o simpático aparelho que, no seu progresso incessante e veloz, é cada vez mais capaz de coisas maravilhosas e cada vez mais pequenino. Até me sugere meditação evangélica!: De como os homens, em vista do Reino dos Céus onde se entra pela «porta estreita», devem cuidar de crescer em perfeição até ao fim da vida, tornando-se pequeninos como crianças.

Mas voltando à Escola e à reunião de turma, o que eu vejo nesta preo-

cupação levantada e posta em comum aos pais e encarregados de educação, é um sintoma de autoridade em decadência e já muito caída, de uma autoridade minada de cima para baixo: professores a partir dos órgãos superiores da Educação Nacional que ditam dos seus gabinetes normas e preceitos muito desconformes da realidade em campo; pais que descobriram no telemóvel um meio melhor de «vigiar» os filhos.

Haja senso na difusão e uso de telemóveis! Haja dos poderes e da sociedade em geral uma resistência decidida ao marketing ciclópico dos produtores e vendedores dos sistemas! E à Escola basta-lhe que diga de uma vez para sempre que telemóveis a funcionar estão excluídos das aulas com risco de exclusão dos seus donos se não tiverem a precaução de os desligar. Que diga e cumpra como se diz e faz nos teatros e salas de concerto e outros recintos onde acontecem coisas importantes que não se compadecem da agressão do aparelhinho a tocar.

Será que a Escola não tem importância igual?!

Padre Carlos

Moçambique

Continuação da página 1

o trabalhavam. Ora, se, moderadamente falando, todo o terreno é do Estado, não vamos concluir, apressadamente, que quem trabalha a terra é escravo dele, mas sim que ele, Estado, tem sobre si toda a responsabilidade de ter cidadãos seus vilipendiados, num lugar onde ela nada tem que garanta a sobrevivência. E há terrenos por aí fora, às vezes nas mãos de cidadãos que os não aproveitam, mas à espera que alguém com poder económico o faça, contribuindo já para o miserabilismo em que vemos tanto moçambicano, bem perto de nós, a enganar a fome com bebida fermentada, feita de qualquer farelo ou cascas de fruta e um pouco de açúcar.

«Deus separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento», foi para estabelecer o equilíbrio, mas o homem separa para seu proveito, estabelecendo o desequilíbrio. «Um abismo chama outro abismo».

Padre José Maria

Benguela

Continuação da página 1

naram, há dias, o seu curso de formação profissional. São serralheiros mecânicos e civis; electricistas, também. É o valor maior que a Casa do Gaiato pode oferecer gratuitamente à nação.

Quando estas Notas chegarem às vossas mãos a Festa do Natal está a

porta. Não queremos que falte o necessário aos de dentro e aos de fora, que são multidão. Para alguns irá também o colchão, pois dormem no chão duro com os filhos. Para outros irão as chapas para cobrir a casa, que a cubua ameaça. Para muitos vai a roupa e os remédios para que a morte não vença. É o Senhor da Vida que vem. Todos vão levar o cesto à cabeça com o «cabaz» de Natal.

Que tenhais uma Festa do Natal cheia de Paz e Alegria!

Padre Manuel António

DOCTRINA



Os montes marcham à frente dos arrojados

FOI em Agosto de 1934 que teve lugar o primeiro «shoot» das Colónias de Campo do Garoto da Baixa, o berço onde nasceram as Casas do Gaiato. Nunca se viu no mundo Obra mais pitorescamente caótica como foi aquele ano, com aquele grupo de rapazes, perto da Comarca de Arganil, num tremendo casarão de morcegos. Só visto! A bola andou no ar pelos anos fora. De Arganil passou para Góis e dali para Miranda do Corvo, onde era jogada no que é hoje a própria Casa do Gaiato, em Colónias que duravam os meses de Verão, a bem do habitante do tugúrio. Há um livro à venda, «A Obra da Rua», onde se contam histórias de pasmar. Compra. A segunda edição está no prelo. Ali verás o que elas foram e aqui, hoje, o que elas são.

O ano passado foi o derradeiro em que pudemos realizar o serviço das Colónias anexo à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Este, pelo número elevado de habitantes, não seria possível fazê-lo. Mas os garotos de Coimbra, afeitos ao bem dos mais anos, não suportariam a privação dele. Urgia fazer Colónias, fosse onde fosse. A uns quatro quilómetros da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo existe o Santuário da Senhora da Piedade de Tábnas, nas faldas de um monte de rara situação. O sino da Capela, derrubado pelo tempo, data da era das Conquistas. Quadros votivos, suspensos nas paredes revestidas de azulejo, dão testemunho de piedade. Os votos, da importância e número dos romeiros: «Uma junta de bois que oferece fulano».

O actual desmazelo também é testemunha, sim, mas de acusação! Junto da capela, levantam-se três grandes hospedarias, abrigo de romeiros de outros tempos. — Sim, Padre Adriano. Se tu quiseres, eu também. Querer, é um verbo terrível. A vontade é o homem. Mãos à obra. Como eu sou o da saca, fui bater às portas do Fundo de Desemprego de onde trouxe vinte e cinco contos para obras de adaptação, que o mesmo é dizer, salvar da ruína total uma página famosa da nossa História. Padre Adriano, que é o das espigas, foi dar com uma de primeira grandeza dentro das ditas hospedarias.

Padre Adriano

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)